

# Escritos do Ontem, Hoje, Agora e Amanhã

Jp Santsil



Apresentado por

*Meu Lado Poético* 

## Dedicatória

*Aqui Jp Santsil escreve contos, crônicas, poemas e relatos do cotidiano e da natureza, repletos de sensibilidade, compaixão, espiritualidade, inteligência prática, relações humanas, autoestima, cura, ativismo ecológico e educação sustentável. Os escritos que embasam, se sustentam pelo tripé de*

*três palavras-chaves: SABEDORIA, UNIÃO, VIVÊNCIA.*

## Agradecimentos

A Grande e Poderosa Divina, Luminosa e Sagrada Essência que habita no todo de tudo e no tudo de todo e todos!

## Sobre o autor

Jp Santsil, escritor e ativista eco-sócio-cultural, nasceu em Salvador, capital do Estado da Bahia, tendo como missão dedicado sua vida, desde os 16 anos, a projetos de ação social, educacional, cultural e ecológico regenerativo com crianças e jovens em estado de risco e extrema pobreza nas favelas e comunidades carentes do Brasil e Ecuador, além de outros inúmeros projetos ecológicos e culturais realizados em Israel. É Idealizador, Proponente, Financiador, Captador de Recursos, Assessor e Planejador de Programas e Projetos e Diretor Financeiro da ORGTASK e durante a pandemia vem financiando projetos de apoio financeiro e divulgacional a Artista e Agentes Culturais em todo Brasil, com a Comunidade Midiática Colaborativa INfluxo

?

## resumo

Presença

Belos Mistérios

Eu curador de mim

O Caminho Flutuar dos Cestos de Balões

Amor de momento-a-momento

Iludido Corredor

Versos de uma menina

Eclipse Solstício Presságio Ruim

Labirinto étnico-racial de si

A Bruxa da Arruda e o Sagrado de Tudo

Arruda Sagrada

Solitário Amor Lunar

## Presença

Sou mais  
Do muito mais  
Do que imaginais  
Sou menos  
Do pouco muito  
Que restais  
Não sou homem  
Nem mulher  
Nem animais  
Não me enquadro  
No quadrado  
Belo quadro  
Dos mortais  
Nem pensamento  
Nem emoção  
Nem sentimento  
Nem frio  
Nem calor  
Nem dor  
Nem pulsamento  
O que me resta  
É o resto do julgamento  
Na referência  
Que discrimina  
A dimensão  
Na ilusão  
Do espaço-tempo  
Não sou ponto  
Só uma vírgula  
Na confluência  
Não me igualo  
Na matemática  
Da ciência

Nem partícula

Nem onda

Só frequência

Não sou mais

Nem muito menos

Que presença

## Belos Mistérios

Onde me manifesto... sou como o entardecer  
Onde o vento passa ao silêncio da morte e as árvores vibram ao ver passar  
Se não me manifesto... no nada tudo serei  
E assim, serei como o alvorecer  
Onde os pássaros cantam ao som da noite que se fez dia  
E do sol que se fez presente  
Desvirginando o horizonte de um mar inocente  
Tal qual um beijo ardente da terra numa semente  
Em que algo vem a germinar  
Algo que habita e surge sem dogmas e sem preceito  
Algo dentro e fora do seio da mãe que ainda não veio  
Há de haver belos mistérios...  
Belos Mistérios!  
Na vida que a sorte é a morte  
Que nos ensina a ensinar  
Que nos prende ao aprender  
Que nos condena a entender  
Que entendendo hei de ser algo para viver  
Se a vida hei de entender e entendendo hei de ser  
Serei somente o entendido que um dia irá morrer  
Como posso procurar?  
Se na procura hei de achar a busca que nunca acabará...  
O vento passa e não há de ser passageiro  
Não se sabe se vem ou vai... porque venta o mundo inteiro  
As árvores são intactas e o vento que passa as fazem balançar  
As árvores não sabem por que balançam  
Se intacta elas dançam  
Quando o vento vem tocar  
O vento que também nada sabe... apenas quando passa  
Se bate com galhos, folhas e troncos de cada árvore  
Onde se encontra o significado?  
Se o significante é o valor do valor de cada homem ou de cada mulher  
O chaveiro está diante da porta



Mas a porta não está ao chaveiro  
Porque a porta nada mais vale do que a chave do porteiro  
O porteiro é o escravo  
O seu senhor o chaveiro  
A porta é a prisão  
A chave o prisioneiro  
Eu Sou a Perfeição da Essência, denominado Absoluto!  
Posso ser compreendido como a maior Beleza de todas as belezas!  
O maior Amor de todos os amores!  
O mais Alto dos altos e o Ser Maravilhosamente Maravilhoso  
A forma arquetípica perfeita  
Contida dentro do Todo e o Absoluto que constitui a Redenção Universal  
EU SOU A CHAVE QUE ABRE TODAS AS PORTAS!!!  
EU SOU O ÚLTIMO DOS ÚLTIMOS  
EU SOU O PRIMEIRO  
EU SOU AQUELE QUE FUI  
EU SOU AQUELE QUE FOI  
EU SOU AQUELE QUE VIM  
EU SOU AQUELE QUE VEIO...

## Eu curador de mim

Forças desconhecidas movimentam em mim,  
nisso sou mais uma peça do universo doce a bailar  
A natureza do tronco que boia nas águas do imenso rio do Tao que desemboca  
nos sobes e desces da *Kali Yuga* águas do mar dos sentimentos,  
Maia das emoções, Samsara dos tormentos,  
o Dharma que sinto não me admite ao Karma de Mara me ver parar  
Sou o dono, sou o chefe  
o meu senhor, o meu mestre  
sempre confuso nesse sobe e desce,  
constantemente alegre no caminho do Sagrado Despertar  
Sou o forte no fraco  
o príncipe no sapo  
a flecha no mato  
do caboclo com o arco  
que me mira ao me ver passar  
Sou a Grande Árvore no pequeno banzai  
que da Grande Terra suas raízes apartadas  
no pequeno vaso confinadas  
limitando o infinito alcançar  
Me tira desse limite Ó Dono e Dona de mim  
planta-me na terra sem fim  
onde minhas raízes possam a rede de micélio conectar  
crescer e se espalhar, nutrindo o meu pensar  
no retorno a casa, ao soberano iluminar  
Que o Mariri, Jagube de mim, Liana, Yagé, Caapi  
Ayahuasca, cipó, se enrosque em mim  
me faça Luminoso assim,  
na Grande Espiral  
da Terra Sem Mal  
Colorido Universal  
Eu Jiboia, Jaguar, Condor  
O único confiável Professor,  
A flecha do arco que me curou

Coração do Caboclo da Mata do Amor  
A cura do amante Guerreiro Curador  
que  
o  
velho  
fraco  
doente  
em  
mim  
hoje  
assim  
amando  
matou

## O Caminho Flutuar dos Cestos de Balões

Existe um manancial esplendor de fonte de ouro ilimitada na vida de cada pessoa que vem a este plano. Um ilimitado potencial criativo de possibilidades infinitas de poder e magia para fazer tudo o que se quer acontecer. Porém, caminhando por aí... vi as pessoas dentro dos seus cestos de balões, e vi o mundo como um céu repleto de cestos de balões multicoloridos e diversos a flutuar.

Vi cestos de balões pequenos, médios, grandes e até gigantescos!

Individuais e duais; familiares e organizacionais; empresariais, institucionais, governamentais e corporativos.

E, de olhos atentos para o infinito céu de possibilidades infinitas..., vi o constante movimentar do sobe, desce e estagnar dos cestos de balões. E nesse simples observar... vi que os cestos flutuavam ao se acrescentar um balão, ou vários balões, levando em consideração a proporção exata de se sustentar em relação ao seu peso... e vi sacos contendo areias que serviam de pesos também..., e vi o momento certo de desamarrar as cordas que prendiam os cestos ao solo.

Vi inúmeros cestos de balões (pequenos, médios e grandes) que, com grandes dificuldades para flutuar, nem sequer saíam do solo.

Vi cestos de balões, independente do seu tamanho, estagnados no imenso céu, movidos apenas por: o acaso dos ventos.

E vi poucos cestos de balões, não importando o seu tamanho, subir e subir... mais e mais... até sair do limitado campo de visão dos meus olhos.

Eu vi pessoas cheias por dentro entrarem nos cestos pequenos, médios e grandes... e, percebi que algumas dessas pessoas estavam cheias de ar e outras cheias de areia. Um eram balões e outras eram sacos de pesos.

Nisso! Observava constantemente os muitos cestos desproporcionais ao leve flutuar... cestos que não subiam... cestos que subiam e depois estagnavam... e, também, cestos que subiam tanto que desapareciam.

Vi que os cestos que subiam e desapareciam, independentemente do seu tamanho, estavam repletos, ou repleto, de personalidades leves, livres, corajosas, de fé inabalável e boas na conduta do seu coração, e continham em si mesmas muito ar, esses eram os balões.

Já os cestos que não subiam estavam lotados, ou lotado, de personalidades ranzinzas, frias, medrosas, tímidas, preguiçosas, desesperançosas e maldosas, carregando em si mesmas muita areia, essas personalidades eram os sacos de peso.

E os cestos que subiam e depois estagnavam, eram as personalidades que foram com toda fé no caminho do leve flutuar, mas ignoraram que, primeiro deveriam, antes de adentrar os cestos, se esvaziarem das suas dores, traumas, depressões, avarezas, medos e complexos por completo..., e vi que essas personalidades eram pequenos balões amarrados a sacos de pesos, que mesmo flutuando, a níveis baixos, carregavam consigo mesmas o seu atraso e as suas dores.

Vi cestos pequenos, com apenas um indivíduo, flutuar para o incompreensível dos céus..., e se tornar astros e estrelas; assim, como, também, vi indivíduos flutuar e estagnar em seus cestos, remoendo suas dores e desacreditando do que é, diz e faz; e indivíduos que se propôs a flutuar, se arrastando com muito esforço para os seus cestos, que nem chegaram a se elevar um centímetro do solo, pelo contrário, havia até cestos que quando esses indivíduos adentravam, afundavam ainda mais na grama verde do imenso campo dos cestos de balões.

Vi cestos médios com dois indivíduos, esses eram casais, amigos e sócios, e a história era a mesma. Quando estavam em comunhão, manifestando harmonia e perfeição, flutuavam para o infinito, repletos de ar em seus cestos decolantes. Já quando estavam em desarmonia e se tornavam pesos um para o outro, em suas intrigas, se esqueceram de desamarrear a corda que prendia o cesto ao solo, e fingiam juntos estarem flutuando, pesando no chão, até juntos se afundarem em seus cestos.

O mais triste foi ver os cestos que flutuavam e estagnavam, em que esses dois indivíduos que compartilhavam os mesmos cestos, serem desproporcionais no caminho do leve flutuar dos balões. Já que um se tornava a desgraça e o atraso do outro, sendo um: o balão, e o outro: o saco de peso. Assim, o balão flutuava e com sua força e seu extremo esforço se elevava do solo..., mas, em contrapartida, o saco de areia pesava, estagnando no ar o leve elevar constante do cesto. E, vi cestos estagnados no ar... que de tanto o balão se esforçar, cansado e sem esperança, começava a murchar! E assim, vi esses cestos lentamente caírem e se espatifarem no solo, pelo peso constante do companheiro saco de areia! E vi que essa derrota não só dependia do saco de areia, mas, como, também, do próprio balão..., que por medo e receio, e não acreditar nele mesmo, duvidando do poder que tem..., ainda estar apegado ao outro indivíduo saco de peso que só o atrasava, chegando a destruir o seu próprio caminho flutuar.

E os cestos grandes que vi, eram as famílias, associações, comunidades, escolas, empresas, empreendimentos, corporações e toda coletividade de indivíduos unidos em um só propósito, intento e uma só função. E nesses grandes cestos vi pessoas sendo pesos e pessoas sendo balões..., cestos flutuando para o sucesso e progresso; cestos presos ao solo; e cestos elevados, mas, limitados, estagnados no imenso céu de possibilidades infinitas, pela maioria dos pesos serem desproporcionais ao tamanho ou quantidade de balões...

E no caminho do flutuar dos cestos de balões, vi que para o observador o peso é ignorado, e só o balão é notado.

E vi que o peso, também, pode, em alguns momentos, ser necessário... até para que o balão não se perca. Porém, deve ser colocado à beira do cesto, do lado de fora, para quando for necessário, ser furado, fazendo com que areia, que o preenchia, se derrame no mais alto dos céus, esvaziando-se lentamente no subir constante do caminho flutuar dos cestos de balões.

E, no meu pequeno e generoso cesto a flutuar... vi uma coisa que me surpreendeu! Uma exceção! Um mistério!

Vi uma personalidade tão leve e sem cesto a se elevar diante dos meus olhos...

Ela era só balões. E isso me fez questionar... ?!?!?

... que nem mesmo de cestos, é preciso para flutuar.

E para ela..., que apenas só com balões flutuava, ofereci flores que, também, pesavam em minhas mãos. Desequilibrando o cesto no flutuar do meu balão...

Ela, me ignorando, apenas se elevou cada vez mais em plena e grande imensidão.

Sem cesto...

Sem peso...

Sem flores...

Só com balão.

Me deixando estagnado..., como se também estivesse pisando no meu cesto, a flutuar e se elevar, o solo... o chão..., sendo eu o meu próprio peso, no meu próprio ser balão!

## Amor de momento-a-momento

O meu coração lhe deseja um despertar seguro e em tudo capaz!

Graças a 'Poderosa Fonte Criadora do Todo em Tudo' saí do lago sujo das lamentações e visualizei o Grande Rio que deságua no Imenso Mar do Amor, o estado de agradecimento e a certeza de que somente coisas boas, independente do bem e mal de cada dia, vem ao meu encontro, porque aprendi que tudo tem o peso que nós mesmos damos, independente de todo conceito externo e interno de bem e mal. Sei que a vida não é somente este corpo que tenho, nem a situação do momento, muito menos as aparências sociais e de status, fama, fragilidades, temores, corrupções, depressões, hipocrisias e incapacidades tão visíveis no mundo atual.

Agora estou descobrindo a alegria de uma maneira sublime e sem exigências. Tudo é tão bom! (Até as dificuldades e intolerâncias que insistem em me aborrecer momento-a-momento) E esse bom precisa estar centrado no mais profundo da alma, numa paz interior intocável como o céu e inabalável como a grande montanha. Não quero fazer parte dessa objetividade coletiva, nem desse contexto de classificações de gênero, cor, classe, política e raça. Mas aprendo com todas essas coisas a melhorar os caminhos do meu coração. A ver que a vida está num patamar completamente diferente daquilo que os nossos olhos veem a toda hora e em todo momento, e a tudo que nos é apresentado nas mídias televisivas e Internet.

Eu estou me amando e procurando amar tudo o que se encontra inserido no meu universo. Sei que a morte (que na realidade nem significa morrer), é tão necessária quanto o ar... que indispensável mesmo é, somente, o AMOR. E nesse AMOR faço da morte minha doce companheira, para que eu possa super-valorizar tudo e todos a minha volta, momento-a-momento. E é através desse imenso AMOR infinito e inacabável que eternizamos a nossa Divina Essência. Pena que colocamos tantas resistências ao longo da vida, e isso só nos faz regredir nos estágios da alma, e infelizmente só ousamos algum despertar superior no último minuto de vida, e olhe lá! É preciso aprender com todas as coisas. Usamos pouco a visão holística e insistimos em transitar medos e dúvidas momentâneas. Necessitamos confiar mais nos resultados favoráveis do AMOR, ainda mais nesses tempos pandêmicos, e, de isolamento social, e com esse AMOR escalar caminhos de paz em harmonia sublime com o todo em tudo. Tudo pode e deve ser visualizado de forma exemplar: como o copo preenchido com líquido pela metade, em que escolhemos ver metade-cheio ou metade-vazio. O que não serve precisa ser deixado de lado sem a preocupação de nos atingir. Quando soltamos da mente, a ideia de que algo será prejudicial, este algo passa despercebido, e até serve para reter na memória algum benefício. Somos nós mesmos que especificamos as vitórias e as inglorias de nossa jornada. Optamos por progressos ou regressos, ou então, estacionamos a espera de algum milagre... algo superior que nos salve, por ter pena, ignorância e/ou medo de nós mesmos.

O mundo corre entre o ilusório tempo e o limitado espaço, para dispersar em nós a atenção do essencial da VIDA. E ordena que tenhamos "sucesso" num período muito curto. Isto gera um enorme vazio, fazendo com que nos afastemos do sentimento de autovalorização, em que mais tarde surgem as indesejáveis frustrações e decepções.

Estamos sendo distraídos pelo noticiário repleto de acontecimentos negativos, pelo desejo de vencer a qualquer custo, estipulando níveis em posições adequadas. Pela busca incessante por uma boa qualidade de vida, e pelo olhar de aprovação do outro a comandar impulsos na linha do nosso desenvolvimento crescente. Vivemos quase que por algum acionamento alheio, do que por nossa própria finalidade. Há sempre alguém interessado no nosso sistema doutrinário e na ética de nossos princípios básicos, e nos tornamos muitas vezes cegos guiando cegos, ou como exemplifica

o dito popular: Em Terra de Cego, quem tem um olho só é rei! E, como, agora, na nova moda de Influencer (em que todos lutam para ser uma estrela nas redes sociais), eis que fica a seguinte pergunta: "Que merda de Gigante Rei Ciclope sou eu? Em que cobranças e falsas motivações nos levam a conduzir sentimentos e emoções a lados opostos do existir, transformando o 'outro ser internauta' em consumidores de nossas frustrações, mentiras, ilusões e falsidades... Que estrela-cadente nessa decadência virtual quero ser?"

Quando ocorre o verdadeiro despertar, observamos que durante a maior parte de nossas vidas fizemos o que os outros esperavam, e não o que realmente tivemos vontade de fazer. Eis aí, o grande dilema das redes sociais atuais no sistema de hipermídia Web. E às vezes, até mesmo depois de um insight despertar, continuamos na mesma merda... por estarmos tão habituados na situação e padrão do sistema imposto.

Viver sem fronteiras não é fácil. Mas, pode ser real quando valorizamos o que possuímos e quebramos a rotina para mudar velhos conceitos e hábitos. E, quando inserimos ao nosso caráter pessoal e coletivo, fundamentos e valores que verdadeiramente ajudem os nossos semelhantes e todas as formas de vida do nosso habitar a evoluir em harmonia. Como fazem as grandes florestas e seus seres vegetais, minerais e animais em toda sua perfeição natural.

O verdadeiro sucesso estar em aprender a ser melhor a cada dia. Estar em exercer uma confiabilidade no universo e na natureza que nos regem em praticar a integridade para tudo o que fizermos, momento-a-momento, com uma devida atenção amorosa.

Para sermos bem-sucedidos precisamos descobrir quem realmente somos e onde colocamos os nossos valores. Se estamos conduzindo os nossos próprios méritos na vida ou apenas representando uma imagem falsa fora de nossa personalidade, pelas máscaras das redes sociais.

No fim, corremos tanto para quê?

Será que é necessário tanto sacrifício para demonstrar a nossa capacidade de vencer, e dizer que somos bons, e dignos de veneração?

Precisamos ser avaliados..., mas por quem?

Será que existe algum método... alguma fórmula mágica para verdadeiramente nos sentirmos felizes sem que necessite o palpite e opinião alheia?

Existem atalhos para o encontro da luz e da verdade?

Infelizmente não meu amigo e minha amiga. A felicidade é um encontro do nosso "VERDADEIRO EU" com a maneira de como vivemos. E não depende de nada do exterior para ser expandida na nossa Maravilhosa Vida!

Um grande abraço e saudações de Amor!

## Iludido Corredor

A vida é como um corredor  
Cheio de portas  
Cheio de portas  
Corredor escuro do meu obscuro  
A vida é um corredor  
Com portas a direita  
Com portas a esquerda  
Portas fechadas  
Portas abertas... de mim mesmo  
A vida está no corredor  
Que depois da sala acesa por castiçal e vela  
Na entrada da subida e espiralada  
Largos degraus  
A Escada... escuro se ofuscou  
Atiçando a curiosidade do viajante  
Que nele em imaturidade optou  
A vida virou almejo do fim do corredor  
Daquele viajante de vidas que em várias portas adentrou  
Muitas delas por curiosidades destrancou  
E em degraus decadentes se lançou  
A vida é o corredor que não se pode voltar para trás  
As portas que abriu não se fecham mais  
É andando para frente que a dor se desfaz  
O objetivo da vida virou a luz de encontrar o fim do escuro corredor  
Onde portas duplas opostas  
Optam-se como propostas  
No desejo daquele que gosta  
Na carência de quem sofre de amor  
Abrem-se portas que nunca deveriam ser abertas  
Fecham-se portas de maravilhosas inexistências descobertas  
Sendo que as portas duais são apenas distrações  
Que param o viajante em dramas emoções  
Abrindo portas de prazer



Fechando portas de dor  
Regressando ao caminhar do corredor  
Daquele pelo qual o SER optou  
A descer as escadas do salão luminoso  
Em que o escuro corredor tenebroso  
A curiosidade inocente, casta, porém, desobediente  
Despertou!  
Há de se entrar e sair da última porta  
Há de persistir pelo fim do corredor... que a curiosidade decadente fez da alma o viajante  
De sempre seguir adiante... a encontrar a luz do fim do corredor que o pobre coração optou  
A vida é o corredor do viajante  
As distrações estão muito-bem adiantes  
Em inúmeras portas saborosas... doces... picantes  
Achocolatadas no prazer do orgasmo falso amor  
Pelos quais, o viajante, iludido parou  
Após tanto sofrer  
Após tanto prazer  
Depois de tanto chorar  
Após tanto alegrar  
Depois de tanto abrir  
Depois de tanto fechar  
Sangrar!  
Morrer!  
Viver!  
Sangrar!  
A alma cabisbaixa... volta ao mesmo lugar  
Com humildade, sem opção, retornar a caminhar  
As portas, dessa vez, deve ignorar  
Acreditar com fé que a luz há de brilhar  
No escuro do iludido sonhar  
Viajante caminhante do mesmo lugar  
Corredor interior do meu dolorido despertar  
Que 'O Fim' é luz de se chegar... harmonioso... ao inicial LUZ do mesmo lugar  
Que decaí do topo da escada...  
Que curioso desci a regressar...  
A vida é o viajante do corredor

Daquele desobediente que decaiu e optou  
A ter a consciência da proibição do seu Criador  
E no topo da escada, dessa vez, experiente consciente, o espírito sábio se instalou  
Porque um dia conheceu a inocência da ilusória dor do seu interior  
Que pela desobediência decadente a sua Divina Essência  
O conhecimento-sofrimento do bem e mal de momento a momento... no iludido ilusório tempo... a  
sabedoria o glorificou  
A optar pelo DIVINO, e único, VERDADEIRO AMOR  
A vida é a busca da luz do fim de todo fim de todo corredor...  
Por favor!  
Não pare!  
Continue...  
Por favor!  
Não por mim...  
Não por ti...  
Não por nós...  
Não por todos...  
Só por AMOR

## Versos de uma menina

Em seus versos  
Vejo sua alma refletida  
E, como és linda!  
Não só de corpo  
Mas, também, em palavra  
Não só o físico  
Porém, também, a alma  
Que os homens, ignorantemente, não a julgue só pelo belo externo  
Para que não ofusque o seu lindo ser interno  
Vi toda sua espiritualidade no castanho dos seus olhos grandes  
Em que me apaixonei como Krishna por Radharani  
És completa menina!  
Em espírito e corpo  
Tua beleza sábia  
Reanima a alma  
No meu depressivo ser...  
... Quase morto

## Eclipse Solstício Presságio Ruim

Minha Amável Lua Amante

Hoje em meu ápice momento de máxima intensidade

Neste eterno ciclo em que me entrego iluminando a Terra em plena caridade

Fertilizando os vegetais e a realização dos desejos mundanos

Em que sou venerado com danças, cortejos e rituais dos seres humanos

Ocultamente vieste repleta de Amor a me contemplar

Mesmo que para o Povo das Fadas sua presença ofuscante neste solstício dia seja um mal sinal

Acreditando que estou rejeitando suas oferendas de mel, cervejas e centeios em sacrifício ritual

Alegremente e de forte energética corrente, estou aqui a me entregar

E em tua sombra... meu puro Amor... vem minha luz apaixonadamente ocultar

Ocultame. Ó! Meu lindo Amor

Ocultame dos olhos alheios, porque hoje só a ti pertencço

Esfria em mim esse calor de ego intenso

Pelo menos neste curto e sagrado momento

Em que fria e escura vem me beijar

Sagrado momento de êxito resultante...

Essa é nossa maestria oculta ao entendimento humano

Que ignora nos céus o divino celestial plano

Pelo qual, de tempos em tempos

Neste misterioso e sagrado momento

Em que agora se faz aos olhos terrenos

Amorosamente no místico copular

Minha Amável Eterna Amante

Acompanho solitário todas as suas fases errantes

E justamente hoje em que atingi o meu ponto luminoso mais extraordinário

Envolvido em magias rituais e antigas tradições do coletivo mágico imaginário

Vieste lentamente encobrendo os céus e a terra com teu manto

Apavorando e preenchendo os corações dos homens de espanto

Trazendo para eles a maldição de dias inférteis

E a calamidade das forças inertes

Apenas com teu singelo presente ato

De no meu alegre e festejado aniversário

Com tua noite me presentear

É por isso, Meu Amor, que vás embora tão rapidamente?  
Porque fostes rejeitadas por esses seres dementes  
Em que o Sagrado Amor Celeste nada entende?  
Não saia de cima de mim, assim, tão rápido!  
Pois não sou eu o culpado  
Desses seres terrestres desolados  
Com sua presença e ato de amor se apavorar  
Homens e Mulheres o porquê de tanto pavor e terror?  
Se em todos os solstícios de verão vos entrego o meu iluminado fertilizante amor...  
Vos peço apenas hoje que aceite nessa vossa celebração ritual minha Doce Escura Amada  
E com fogueiras e tochas à Terra poça ser só hoje iluminada  
E juntos o Amor Celeste possamos em festa celebrar  
Não... Meu Amor!  
Não te aprees a ir tão rápido embora  
Pois hoje o dia demora  
E, também, hoje sua fase é nova  
E tua face no escuro do céu  
Encoberta com o noturno véu  
Apenas um contorno prateado  
Em um vislumbre descortinado  
Me resta a contemplar  
Ó! Ignorantes seres terrestres  
Olha o que comigo fizestes  
Nestes círculos sagrados concêntricos  
Me louvando inutilmente em seus centros  
Enciumados e pavorosos por dentro  
A minha Lua Amada a rejeitar  
Por isso, também, vos rejeitarei  
Não serei mais o seu fértil rei  
E, irado vos abrasarei  
Com meu calor de dor a vos queimar  
Ó! Lua Amada de mim...  
Esperarei novamente o contínuo retorno a ti  
Para que juntos possamos ter um deslumbre do fim  
No eclipse solstício de verão que pressagia na Terra dias pandêmicos ruins  
Pelo simples e sagrado sexo-tântrico ato de me amar e te amar tanto assim

## Labirinto étnico-racial de si

Diante das variadas questões raciais e exaltação do antifascismo, que nada mais era do que a divulgação, ignorantemente, involuntária no coletivo social de um pensamento e filosofia fascista (regime político-filosófico italiano estabelecido nas primeiras décadas do século XX por Benito Mussolini, fazendo prevalecer o conceito da superioridade de uma raça e seu sistema de governo ditador e autocrático), que se apresentavam naqueles sombrios e acinzentados dias pandêmicos. Resolvera adentrar em si mesmo, na resolução da síntese de sua própria persona etnicamente mal identificada e incompreendida. E, se buscando em cansativas e exaustivas análises na cosmologia da raça humana e nas muitas referências lhes apresentadas em estudos acadêmicos... filosóficos... podcasts, posts e lives... discursos escritos e audiovisuais nas redes sociais e internet..., contudo, não se encontrara. Percebeu-se no mundo dos humanos... um ser alienígena.

Racialmente, internamente, não se identificava e, externamente, não era identificado a nenhum povo ou etnia.

Ele era fruto de uma louca, mutante e 'metamorfósica' mistura étnica, filosófica, religiosa e cultural. Bisneto de uma índia Pataxó-hã-hã-hães (que já era uma mistura combinada dos Povos Baenãs, Tupinambás, Mongoios, Camacãs, Geréns, Sapuiás, Quiriris, e entre outros... que habitavam o sudoeste do Estado da Bahia) com um cigano oriundo da Grécia (descendente dos Povos Rom, nômades desertores do sistema de casta na antiga Índia, provenientes do noroeste do Subcontinente Indiano, região peninsular do sul asiático que compreende os atuais países da Índia, Paquistão, Bangladesh, Nepal, Butão e as ilhas Maldivas, e, as do Sri Lanka). Neto do fruto dessa mistura, por parte da sua avó, com um judeu sefardita ocidental oriundo da Espanha (que chagara na Península Ibérica nas embarcações fenícias, durante as destruições do Templo de Jerusalém pelas revoltas judaicas e romanas). E, por última consequência, filho dessa mistura, por parte de mãe, com um negro oriundo dos Povos Iorubás (que foram violentamente sequestrados, e criminosamente extraditados da sua terra natal, o Império de Oió, nos meados do século XVI, chegando ao Novo Mundo nos tumbeiros da colonização portuguesa).

...Assim, nessa complexa linhagem, era bem mal compreendido pela moderna sociedade brasileira, que (por ignorância) ignorava o procedimento decorrente de um intenso processo miscigenatório (classificado por alguns estudiosos acadêmicos brasileiros como: *Homo brasiliis*)..., e incompreendido por ele mesmo nessa atual conjectura e caótica questão racial da sociedade brasileira, e mundial (no que se referia o caso do assassinato de George Floyd)... não sabendo em que lado deveria estar... que partido deveria tomar... e que etnia deveria se classificar... qual dogma e religião poderia declarar como sua verdade filosófica... e, que bandeira deveria sustentar. Porém, sabia ele que a corda sempre parte do lado preto. E nisso, também, enfureceu-se pela cruel morte do homem preto pelo poder estatal do homem branco. Contudo, pôs-se a pensar em que partido, dentro de si, iria tomar...

De um lado... sua negritude e africanidade imperava, no externo, em sua forma física (corpo marrom, olhos castanhos escuros, traços faciais negros e cabelo crespo). Por outro lado... seu sistema psicológico e intelectual era 'eurocentricamente' branco. E, mediando nos seus extremos polos opostos do 'SER' e de ser... intentara que seu coração era 'nativamente' dos originais povos das Matas Atlânticas sul-americanas.

Apesar de na sociedade brasileira, americana, asiática e europeia ser comumente discriminado como um negro da diáspora africana, no externo mundo social... Quando viajara ao continente Africano, percorrendo todas as suas regiões geográficas (Norte da África, África Ocidental, África Centro-ocidental, África Centro-oriental e África Meridional) na procura de uma identidade

africana... Para seu espanto e surpresa! Fora discriminado pelos próprios negros africanos como um 'MESTIÇO'. Nisso, se viu desolado... desabrigado... desenraizado. O chão sumiu diante dos seus pés, e caíra em um abismo sem fim na profundidade do seu ser. Na África, seu tapete fora puxado por sua própria descendência africana, caindo esparramado de bunda contra o chão. E, assim, se perguntara: "Quem sou eu?", "Quem são meus ancestrais?", "A que casa humana pertença". E, em sua existencial miscigenada contradição não poderia negar o Branco, o Preto e o Nativo Americano dentro de si, porém, seria um erro escolher uma dessas partes como política existencial, pois, ao fazer isso, cometeria o equívoco de negar a si mesmo como o todo de tudo. E, se viu sendo: O NOVO! O UM! A UNIÃO! E, também, o esquisito, a anomalia, o invisível.

Percebeu que a Raça Humana proveio de um único embrião que crescera, multiplicara, evoluíra e se apartara dela mesma, indo explorar e habitar as várias regiões da Terra, e, por consequência, se fragmentara dela mesma, se mutando e se dividindo em si mesma. Daí tentou na concepção do:

**Retorno para Casa.** E, viu que a miscigenação era, nada mais e nada menos do que, a realização natural desse retorno. Então, como ser miscigenado que era, se estudou, observando a si mesmo e seu meio-ambiente comunal e social.

Não generalizando, mas em proporções e porcentagens maiores do que a média. Percebeu:

**a)** que seus amigos negros (filhos de mães e pais negros) eram intelectualmente ignorantes em sua maioria. Não compreendiam, concebiam e nem dominavam a intelectualidade (que é de origem eurocêntrica). Sendo que para isso, necessitavam realizar um esforço energético tremendo, e antinatural, para se enquadrar nos padrões acadêmicos e filosóficos dessa intelectualidade e cultura greco-romana, que não correspondiam as suas realidades e necessidades básicas e existenciais. Porém, em contrapartida, eram seres místicos por natureza. A magia com todo o seu misticismo e conceitos esotéricos já estavam entranhados desde o berço em sua essência de ser. Seus corpos eram esbeltos, sensuais e atrativos. Dominavam toda sensualidade dos gestos dançantes, em toda a associação dos elementos cênicos-dramáticos e místicos da estética da dança e coreografia corporal. Além de serem músicos por natureza, e obterem uma força corporal descomunal, que desafiava as leis físicas e gravitacionais deste plano terrestre. Eram seres conectados à terra, naturalmente formados em simbiose com toda vida e ecologia... conhecedores dos mundos invisíveis e mágicos com seus seres elementais e inefáveis.

**b)** que seus amigos brancos (filhos de mães e pais brancos) eram misticamente ignorantes em toda sua maioria. Desconectados da natureza, meio-ambiente e dos seus próprios corpos e espiritualidade ecológica. Sendo pessoas de psicológico e físico fraco, e de baixa autoestima corporal e emocional. Super dependentes das coisas e objetos criados e inventados por eles mesmos, além de possuírem uma dependência doméstica sócio problemática, não sabendo realizar suas tarefas mais simples... e sempre necessitando de uma outra pessoa em seus afazeres diários de higiene, proteção e alimentação. Possuidores de um super Ego (buscando fama, glórias, sucesso, riquezas, poder e luxo e, sobretudo, em poder saciar suas sensações e satisfações instintivas no abuso das drogas, dos esportes violentos e radicais, e, do sexo sem medir consequências) e entregues as coisas mais banais e materiais do sistema social urbano civilizatório. Porém, naturalmente, eram gênios intelectuais. Possuidores de uma mente informática e racional na busca de resoluções de problemas no seu cotidiano. Mestres acadêmicos, políticos, científicos, engenheiros, medicinais, econômicos, financeiros e tecnológicos. Formadores da moderna civilização com todos os seus equipamentos, aparatos e ferramentas... os donos do mundo e de todas as coisas inventadas e padronizadas dessa caótica sociedade humana.

Já os nativos, ele não possuía um só amigo sequer. Pois, não havia espaço para sua existência na moderna sociedade. Se o nativo abandonar sua terra, tribo e floresta... ele tinha que fazer um abandono de si mesmo, em toda sua essência. Sua língua, cultura, saberes e modo de vida eram totalmente contrárias a todo conceito da sociedade urbana e civilizatória, e de nada valia para essa sociedade no seu conceito funcional. O valor do nativo brasileiro, estava em ser nativo mesmo...

vivendo na floresta com seus costumes, modos e crenças.

Então, observando a si mesmo, meditando e refletindo... se vendo mestiço: sua mente intelectual era branca... seu copo místico-físico era preto... e seu oculto coração-alma era nativo. A Sagrada Trindade em si mesmo... A tríade evolucionária encarnada e manifestada!

E o mestiço? Qual é o seu valor? Em que se baseia a sua crença e seu papel na sociedade?

O mestiço (possuindo um pai negro e uma mãe branca, ou nativa... ao contrário, ou vice-versa, tudo junto e misturado) vive um eterno dilema. Apoiado em uma corda bamba, que por incrível que pareça sua parte nativa automaticamente se anulava (pelas questões culturais apresentadas no parágrafo acima), sendo que lhes restava apenas os dois lados da moeda sócio racial: o branco e o preto. E o que determinava essa escolha? Sem dúvida a química orgânica da enzima tirosinase... as altas ou baixas concentrações de melanina e sua principal função da pigmentação da pele, no caso, humana. Que na cultura popular greco-romana as altas taxas de melanina era classificada, como: 'Sujeira Escura', e na cultura eurocêntrica colonial era discriminada, como: 'Sujeira Biológica'.

Entretanto, se o equilibrista mestiço tiver, no jogo genético do cara e coroa, baixas taxas de melanina: ele perderá seu equilíbrio caindo no lado social branco. E se tiver altas taxas, uma vez possuindo maior quantidade de melanina: perderá seu equilíbrio tombando no lado social preto. Daí, percebera o racismo em sua síntese, em que o mais prejudicado era ele mesmo, pelo fato de ser: **O Mestiço!**

Discriminado, sendo tudo, a escolher na atual sociedade em que vive um só partido...

Mal compreendido e julgado socialmente...

Pejorado e anulado...

Tendo que habitar um corpo mutante e alienígena... **o X-Man da questão!**

O mestiço é tudo enquanto é nada. Compreende o Misticismo Negro e a Intelectualidade Branca. Mas, não é profundo como o negro no misticismo e como branco na intelectualidade. Sendo raso, no entanto, manifestando: **ALGO NOVO!**

Pensando na corda bamba da sua existência, e no discurso do racismo. Viu que toda luta das políticas do 'movimento negro', e dos 'mestiços negros', era para conquistar o espaço do 'branco' na sociedade pós colonial das Américas. E ao contrário do que pregava Marcus Mosiah Garvey, com suas ideias do movimento de retorno da diáspora negra para África. Os 'negros' americanos pós-colonial queriam estar nas faculdades e universidades criadas e mantidas pelos 'brancos', e estudar sua visão e filosofia cartesiana e eurocêntrica de mundo... batalhavam para estar na televisão do 'branco'... a usar a moda do 'branco'... a ter a vida e o sistema econômico do 'branco'... e nunca lutavam verdadeiramente para resgatar as suas línguas e culturas africanas, que estavam sendo abandonadas... até os próprios 'brancos', também, resolverem tomar de assalto as 'culturas negras', e em seu empreendedorismo massivo, comercializa-las. Sendo, que Marcus Garvey já dizia no passado: "*Eu não tenho nenhum desejo de levar todas as pessoas negras de volta para a África, há negros que não são bons elementos aqui e provavelmente não o serão lá.*" E, viu a contradição nas lutas e ideologias de raça, em que as próprias pessoas que se dizem 'negras', não sabem e nem se interessam a estudar e falar uma língua nativa africana, além de só saber algumas palavrinhas, mas, ironicamente ficam criticando o 'branco' na língua do 'branco'. Assim, percebeu a hipocrisia, pois a luta do 'negro' não é por África e nem racial, e sim, é uma luta de classe econômica disfarçada. (não querendo desfavorecer aqui os direitos e deveres constitucionais de todo cidadão brasileiro, independente de sua etnia).

Percebera a evolução da raça humana em si mesmo, e sabia que ainda estava no início do início de todo o complexo processo evolutivo. Mas, o diferente e maravilhoso nos dias de hoje é que esse



processo pode ser estudado, pensado, analisado e devidamente acompanhado. Sendo, ao que diz respeito a Teoria da Evolução, não seria mais o caso de uma espécie evolutiva sentir a necessidade de exterminar a outra espécie (como foi a do *Homo Sapiens* em relação aos outros hominídeos). **O NOVO!** O processo final do Mestiço, se culminaria na mistura das misturas de todas as etnias em união em si mesma.

Em sua catarse étnica racial, como mestiço que era, se classificou como a união e evolução da raça, pelo qual, automaticamente, se batizou de: *Homo existencialis*. A síntese da união biologicamente genética existencial, global, virtual, cultural, étnica, religiosa e filosófica de todo o multiverso universal da Raça Humana. E, como filosofia, decidiu a partir daquele momento, conscientemente revolucionário, defender e levantar como bandeira a união dos povos, suas diversas etnias e cultura em uma única simbiose natural e ambiental, lutar pela ecologia e pregar a sustentabilidade humana na 'Consciência Universal Biomática', como classificara sua nova filosofia, promovendo uma estabilidade de união e amor desenvolvida e adaptada onde nossas múltiplas diferenças possam ser transformadas em ferramentas, para construção de uma nova e moderna sociedade mundial, cujos nossos valores individuais e coletivos se fundam em uma cultura de união contínua, visando enraizar práticas regenerativas, resgatando, assim, os vínculos humanos de proximidade para crescermos em uma nova perspectiva de PAZ, nos orientando nessa difícil, porém possível, tarefa de estabelecer a HARMONIA em nossa amada Ama Terra.

## A Bruxa da Arruda e o Sagrado de Tudo

A manhã estava carinhosamente refrescante em um dia de verão calmo, que precedia o calor do seco e ensolarado tempo impermanente. Acordou às cinco horas da manhã como de costume, e já não tinha mais a necessidade do despertador do seu smartphone para tal feito. Simplesmente os olhos automaticamente em uma só expressão se abriram, o corpo em um só impulso na cama se sentou, e mergulhado nos seus pensamentos do que fazer com o novo dia de quarentena que auto se apresentava, meditava... claro! Aqueles dias eram por demais incomuns, de um lado tinha o dia todo pela frente sem a rotina acinzentada do levantar, correr e trabalhar, e, por outro lado, teria que ser criativo ao esforço máximo, em táticas incomuns e altruístas para não deixar que o tédio com toda sua improdutividade o arrebatasse, sequestrando a sua proposital impulsionada momentânea e intencionada alegria.

Essa intencional alegria era a Poderosa Presença do Sagrado em sua vida. E apenas se baseava, por incrível que pareça, as coisas e recordações mais simples e singelas da sua tenra infância. Principalmente as lembranças delicadas e afetuosas de sua bisa, a Bruxa da Arruda, D. Darluz. Pelo qual, todas as manhãs, dedicava em um cantinho do seu oratório (em culto aos antepassados) uma vela sentada em um pires repleto de azeite de oliva misturado a sal grosso e mel, um pote de água que diariamente derramava seu líquido em uma específica planta de Arruda (*Ruta graveolens*), trocando a água do recipiente todas as manhãs, além de oferendas de flores silvestres, como: Cenoura-brava (*Daucus carota* subsp. *Maximus*); *Centaurea Nigra* (*Centaurea nigra* subsp. *rivularis*); flor Leopardo (*Belamcanda chinensis*); flor de Laranjeira (*Citrus x sinensis*); flores de Onze-horas (*Portulaca grandiflora*) e Calêndulas (*Calendula officinalis*). Tudo isso para se manter em conexão permanente com o espírito de sua querida bisavó. Sendo esta, em vida, sua sacerdotisa. E em morte carnal sua guia espiritual. Pelo que lhe prometera em vida terrena, que ao desencarnar nunca o abandonaria e o vigiaria de cima. Dando-lhe inúmeros conselhos e severas instruções ritualísticas de como manter o contato espiritual com sua alma e coração depois de sua partida.

Para a Bruxa da Arruda, sua bisa, tudo era Sagrado...

E do Sagrado... e unicamente, pertencendo ao Sagrado!

Tudo era vivo! E tinha em si um grande e puro significado.

Tudo era mágico!

Tudo era místico!

Tudo era encantado!

Tudo era rico!

Sua constante alegria não se baseava em emotivos momentos.

Era como o constante balançar das árvores que bailavam se animando, apenas, com o tocar dos ventos.

O seu grande sorriso em sua face iluminada, transmitia a qualquer um que olhava um manancial inesgotável de pleno contentamento.

As pessoas que iam ao seu encontro de amor se preenchiam, automaticamente renovando esse sublime sentimento.

Sua bisa lhe dizia que o Sagrado é um estado a ser sustentado constantemente. Um estado de bons hábitos e boas disciplinas que você mesmo se coloca a praticar. Um estado de Amor, de estar

amando e de se sentir amado a toda hora e em todo momento, independente das circunstâncias, posses, pessoas, relacionamentos e virtudes materiais ou espirituais. Um estado de simplicidade e humildade, e cumplicidade no serviço devocional, na prática da caridade e solidariedade. Vivendo em perfeita gratidão e sendo gentil não só com as pessoas, mas a tudo em que os nossos sentidos possam intentar, aplicar e perceber. Lhe dizia que o segredo para vivenciar o Sagrado na prática, estava na gratidão e valorização da vida em todas as suas formas, não diferenciando uma pepita de ouro de uma simples pedra do rio, um ser-humano de uma formiga, a mais iluminada estrela do céu noturno de um singelo grão de areia das praias do mar. E essa valorização é ver a beleza oculta no amago de todas as coisas, sua Energia Divina e Intenção Criativa. Dizia-lhe que para realização de tal feito era preciso se livrar das amarras da má educação de si mesmo, que degenerou os nossos sentidos na elaboração de conceitos e preconceitos, a partir das inúmeras errôneas percepções externas a nossa Linhagem Sagrada, deteriorando e adulterando o nosso pensar, o nosso sentir, o nosso olhar, o nosso ouvir e o nosso falar. E explicou-lhe, que devido a tudo isso, o porquê das manifestações artísticas, arquitetônicas, filosóficas e religiosas de hoje estarem tão feias, rudes, cinzentas, frias, quadradas, embaraçadas e amontoadas, repetitivas e sem coração.

D. Darluz dizia que por nos desconectarmos das sabedorias dos nossos ancestrais, o nosso sentido do novo e a capacidade do espanto e da novidade assombrosa de olhar tudo de maneira nova, no sublime estado de encantamento e percepção de alerta alegria, se perdeu no mundo. Dizia que o mal das futuras gerações estava na comparação e associação de capturar as impressões, sem a capacidade madura de traduzi-las, sendo essa maneira uma errônea tentativa de interpretar o novo sem a compreensão do velho, desassociando as consequências presentes e futuras das ações passadas. Daí, como ensinava a Bruxa da Arruda, eis a importância de se cultuar os antepassados, pois, uma árvore não pode florir e gerar bons frutos sem o bom cuidado para com suas raízes.

Voltando ao momento presente, e na cama em que se encontrava sentado, vira como era difícil traduzir a vivência de infância que tivera com sua bisa para o moderno, virtual, tecnológico e competitivo dias de hoje. Sabia que as redes sociais virtuais, ao contrário do que se pensava, alimentava mais as más ações do ego do que o conhecimento (pelo qual era a sua proposta inicial). E que esse contato virtual se tornou uma máquina alimentadora dos nossos mais animalescos instintos, provocando mediante as imagens, sons, cores e palavras as mais variadas sensações emocionais para a satisfação dos nossos mais carnis e individuais desejos de ter ou ser. Não medindo as consequências de um super ego ('eu' pluralizado), que busca sempre aquelas ilusórias sensações que lhe possam dar a tão almejada satisfação momentânea, em uma falsa privacidade de no ato de estar solitário cometermos as maiores torpezas, em que julgamos erroneamente não impactar o nosso mundo externo. Vira que a internet, ao contrário do que fora a sua proposta de unir as pessoas, se tornou um luxurioso baile de máscaras, em que as redes sociais eram essas enfeitadas e coloridas máscaras.

Assim, contudo, preferia estar no seu jardim. Na companhia das lembranças de sua bisa, a Bruxa da Arruda, D. Darluz. Que o lembrava que o mundo ainda era envolvido por uma aura de Novidade Mística, Alegria Mágica e Amor Divino. E que só poderia vivenciar o Sagrado da Vida observando, compactuando, comungando e se relacionando com o Mundo Natural em toda sua essência ecológica. O seu pequeno jardim era totalmente dedicado ao Sagrado e a memória de sua bisavó. Ali... dedicando-se a colocar as mãos e os joelhos na terra, se sentia uma Pessoa Superior em toda sua humildade, dividindo-se entre o observador e o observado, conhecendo a si mesmo na observação dos pequenos seres vegetais, minerais e animais. Se perdendo em um mundo desconhecido de encanto e nostalgia, que o elevava e fazia distante das miseráveis catastróficas vivências de traumas e barbaridades da bestialidade e ignorância humana.

Ao regar suas plantas em pleno final de tarde, se via quando pequeno sentado no colo de sua bisa

em uma balança pendurada a um tronco da árvore de Tipuana (*Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze), em que juntos no crepúsculo vespertino se divertiam olhando as inúmeras nuvens no céu a tomar formas inusitadas de rostos, silhuetas, animais e objetos. E sua bisa, também, instigava a sua imaginação a ver essas formas nas plantas, flores, objetos e coisas. Dizendo que as mensagens dos seres naturais (Elementais) vêm a nós nas formas que a nossa consciência pode reconhecer, por eles falarem uma linguagem desconhecida aos nossos sentidos e dimensão.

E, lembrou-se das manhãs ensolaradas ao correr pelo terreno da Chácara Celeste (que na verdade era um pedaço do céu na terra) logo ao acordar, indo de encontro a sua querida bisa nos campos abertos, vendo-a colher flores para o seu ritualístico culto matinal. E chegando ofegante até ela, gritava: "Bisaaaaa!". E D. Darluz respondia com a mesma intensidade: "Meu Miúdo!". E ela o carregando, abraçava forte e o cobria de beijos, até ele dizer basta. E, D. Darluz lhe dizia: "Olha meu Miúdo, não existe nada neste mundo que é mais adorável que uma flor, nem nada mais essencial que uma árvore e planta, sem elas não conheceríamos o belo, não poderíamos respirar e nem comer, nem nos curar. E, ocultamente a esses benefícios que elas nos trazem ao nosso corpo de carne e seus sentidos, tem ainda a sua função mística, que é a mais relevante, algo divino em que as pessoas comuns e materialistas não têm a capacidade de ver. Uma força mágica e espiritual, eterna e imutável."

A Bruxa da Arruda sempre o alertara a valorizar todas as coisas... de uma simples pedra a um pequeno objeto. Como um brinquedo, um utensílio ou algo do tipo. Dizia que tudo tem um propósito e que nada é obra do acaso. Alertara que todas as coisas por serem criações foram pensadas e intencionadas a se manifestarem. Tudo tinha um espírito, mesmo as coisas inanimadas. Pois, sempre afirmará: "O que tem corpo, tem espírito. Tudo é vivo! Toda criação é fragmento do seu Criador, contendo em si uma determinada energia que por mais pequena e singular que seja, é viva em si mesma, presa e magneticamente sustentada nesse corpo, é consciente especificamente para executar tal função, e depois de executada por si só se decompõe e desaparece". E afirmava que a evolução desses corpos inanimados tinha a ver com a evolução humana, de acordo com seu grau evolutivo. Assim, o inorgânico Elemental podia se manifestar numa pedra, numa mesa, em um relógio de pulso, nos objetos que mais amamos e desejamos, e ainda mais nos brinquedos das crianças, por serem carregados de sentimentos. E que por isso, para seus Rituais da Magia Elemental necessitava dos objetos e minerais... das pedras... das cascas de árvores... dos restos de corpos dos seres vivos e seus derivados, onde continha ainda preservada a energia Elemental necessária para tal e específica magia.

Assim, Maria da Piedade..., moradora e proprietária da Chácara Celeste, que se localizava em algum lugar escondido na região nordeste do Brasil..., a Bruxa da Arruda: agricultora, queijeira, azeiteira, parteira, rezadeira, curandeira, e feiticeira portuguesa..., de origem dos antigos povos celtas das terras europeias mediterrâneas da Península Ibérica..., apelidada como D. Darluz..., afirmava que quando nos damos conta da existência do Poder Criativo em tudo que existe ao nosso redor e no nosso viver, quando descobrimos que tudo tem coração e inteligência, que tudo é intenção, e que a toda intenção foi aplicada uma específica atenção, e que a tudo que damos atenção doamos uma determinada fração de nossa energia vital, que se torna um fragmento de vida em si, independente por si próprio e evolutiva em si mesma... Tudo se torna Divino! Tudo se torna Sagrado! A ordem da Grande Espiral do Eterno e Permanente Contínuo.

## Arruda Sagrada

Como de costume no final de tarde estava a trabalhar no seu pequeno jardim, em especial, no canteiro de ervas que fizera ao fundo do quintal de sua casa, próximo de uma cerca feita de pequenas varas de bambu-chinês. Esse pequenino canteiro horizontal, confeccionado por pequenas pedras de calcários brancos enfileiradas, era um dos pontos mágicos e sagrados do seu jardimzinho orgânico. Ali encontravam-se plantadas, uma após outra, plantas de poder e de cura, medicina para o espírito, para a alma (psique ou coração) e para o corpo, como: Capim Santo (*Elionurus candidus*), Erva Luíza (*Aloysia citrodora*), Erva Cidreira ou Melissa (*Melissa officinalis*), Sálvia (*Salvia officinalis*), Babosa (*Aloe Vera*), Manjerona (*Origanum majorana*) e duas espécies de lavanda ou alfazema (*Lavandula angustifolia* e *Lavandula pedunculata*).

Progressivamente em fila, encabeçando o canteiro, plantara um Pezinho de Limão: "Mas, o que tem de haver um Pé de Limão junto a plantas medicinais e de poder?". Na verdade, o Pé de Limão fora colocado no lugar, em que se encontrava um saudável e farto arbusto de Ruta-de-Cheiro-Forte (*Ruta graveolens*), que misteriosamente em uma demanda espiritual de ordem negativa vinda externamente contra ele, o arbusto em caridade protetora, secou gradualmente, aos poucos, em sacro-sacrifício e morreu. Daí lhe veio, como sempre, a doce recordação de infância nas sábias palavras de sua (já desencarnada) bisavó, que era uma poderosa parteira, rezadeira e curandeira. Muito bem conhecida em toda a região onde morava, entre outras muitas fantásticas manifestações, por realizar mais de três mil partos entre humanos e animais, inclusive o dele próprio, sem deixar desfalecer um ser vivo sequer, não importando a gravidade de risco. Praticamente todos os meninos e meninas da localidade nasceram pelas benditas mãos dela, que devido a tal prodigiosa façanha ficará conhecida por todos como Dona Darluz, apesar de ser mais uma Maria das muitas da região.

A respeito da Ruta-de-Cheiro-Forte, sua bisavó lhe dizia advertindo: "Essa planta tenho para mim como a mais sagrada de todas as plantas, pois pertence unicamente ao Sagrado Positivo, e, por isso deve ser sempre colocada na entrada da casa. Assim, nada de negativo pode entrar em seu ambiente."

Devido a tal nostálgica recordação, ele resolveu colocar umas mudinhas da Ruta-de-Cheiro-Forte na entrada da sua casa, e plantar um Pé de Limão no lugar do arbusto que morrera no fundo-de-casa.

Sim! Mas, por qual razão plantar o Pé de Limão no fundo da casa?

Sua bisavó, D. Darluz, lhe falara que o Limoeiro (*Citrus limon*) era a contrapartida da Ruta-de-Cheiro-Forte. Dizia ela que toda planta tem sua contraparte no mundo, sendo: positivo e negativo, feminino e masculino, inercia e movimento, absorção e repulsão... se completando em ciclos espiralados. Além, é claro, que toda contrapartida deve pertencer a mesma família. No caso o Limoeiro e a Ruta-de-Cheiro-Forte pertencem à família das Rutáceas. Por isso, falara também, que o Limoeiro sempre deve ser plantado no fundo da casa, dessa forma poderia fechar um ciclo para proteção do ambiente, em que o Limoeiro atraia para ele tudo que era de negativo que a Ruta-de-Cheiro-Forte deixara passar se a carga negativa fosse maior que a capacidade da planta barrar, completando assim a proteção energética ambiental.

Sempre em que se entregava a dar manutenção no seu canteirinho de ervas de poder, seus pensamentos, imbuídos em muito sentimentos, voltavam-se com todo carinho para a figura mística da sua bisavó, a popular D. Darluz. Seu nome verdadeiro era Maria da Piedade, nascida em Portugal na antiga Vila da Arruda e hoje atual município Arruda dos Vinhos, no distrito de Lisboa (Região de

Lisboa e Vale do Tejo), comunidade intermunicipal do Oeste Cim. Dona Darluz dizia ser descendente das famosas curandeiras de sua região, pejoradas pelos ignorantes como Bruxas da Arruda, que por assim, eram descendentes das feiticeiras e sacerdotisas dos antigos Povos Celtas, mas que devido às misturas culturais e étnicas, e de conquistas de outros muitos povos, com seus costumes e crenças, ainda as mulheres de sua família mística mantinham as antigas tradições, com meras e significantes influencias dessas novas culturas que foram ao longo do tempo agregadas (Não citando as muitas mazelas que sofrera sua mística linhagem durante os massacres do Tribunal do Santo Ofício, com a perseguição religiosa da inquisição portuguesa, promovida pelo clero católico dominicano). Imigrara junto a sua família para o nordeste do Brasil nos meados da primeira década do século XX (entre 1910 a 1920), aos vinte anos, devido à crise que se alastrava na Europa, como resultado da conclusão da Primeira Guerra Mundial e da gripe espanhola. Sendo assim, se fixara no Novo Mundo absorvendo também as muitas sabedorias místicas que ali existiam, tanto dos povos ameríndios como dos afrodescendentes.

D. Darluz tinha uma presença magneticamente atraente, sendo uma linda senhora alta, bonita, nem muito magra e nem muito gorda e de olhar penetrante. Morava em uma casa que fora construída metade de pedras e outra metade de madeira a arquitetura arcaica mediterrânea, toda ela erguida com o suor de seus pais, seus irmãos e dela mesma. Em uma chácara com cerca de quarenta hectares. Lá havia um grande pomar com diversas árvores frutíferas, uma horta orgânica, campos de flores e ervas medicinais e muitos animais domésticos, como: cabras e bodes, cavalos e éguas, mulas e burros, jumentos (*Equus asinus*), galos e galinhas de diversas raças, perus, pombos, papagaios, pavões, patos, gansos, porcos, vacas e bois, além dos muitos animais silvestres da região. E, sobrevivia da produção de derivados de leite (queijos, doces e coalhadas de cabra e vaca) e de suas práticas místicas de reza e cura, que, na verdade, esses serviços sagrados eram lhes recompensados por doações. Pois, ela sempre dizia que a verdadeira proteção e cura não podia ser comprada, apenas recompensadas pelas atribuições dos beneficentes, o que estes julgavam de coração contribuir de acordo com que achavam ser merecido, e, nunca cobrava nada e nem recebia doações, um centavo sequer, pelos partos que realizava, afirmando ser (esse Sagrado Ofício) a sua verdadeira missão na terra: DAR A LUZ!

Como toda boa portuguesa milagreira em terras brasileiras tinha lá suas queixas, que eram verdadeiramente mínimas e de questões culturais. Sentia falta dos vinhedos e dos bons vinhos, das oliveiras e de suas azeitonas e azeites, dos muitos temperos e ervas naturais do mediterrâneo, das ovelhas e suas deliciosas coalhadas e queijos, do frio nas pradarias e do aconchego da lareira... suas queixas se baseavam em suas saudades de uma terra mágica e romântica... de Portugal, sua gente pacata e sua península ibérica. O Azeite, produto das oliveiras, lhe era sagrado, pois, era através dele que realizava os seus milagres adivinhatórios de cura e proteção. Em que pingava gotas de azeite no consulente, depois com o dedo retornava a pingar o azeite em um prato raso com água, lendo as gotas de óleo que davam forma as verdes letras mágicas no líquido, em seu processo místico divinatório. Também, conseguir o azeite de oliva puro era muito difícil no nordeste do Brasil, porquanto, encomendava algumas sacas de azeitonas do Uruguai com os caminhoneiros que lá iam e regressavam, e, manufaturava pessoalmente o seu azeite. Sendo que nessas consultas com esse processo, independente das doações, cobrava uma certa quantia fixa, apenas, para cobrir os custos do material importado e sua trabalhosa produção.

Em sua casa havia um pequeno quarto dedicado ao sagrado, com uma grande mesa servindo de oratório em que se realiza os muitos milagres, curas e adivinhações. Essa mesa era repleta de objetos místicos, tigelas com água e azeite, vasos com vinhos e porções de cura, pedras semipreciosas, ossos, pequenos frutos e animais dessecados, potes de unguentos e cataplasmas, pedaços de madeiras e galhos secos, velas, óleos essenciais, cristais, pequenos jarros de barro e porcelana, potes com incensos, incensários, instrumentos, lápis e cadernetas de receitas místicas, papeis para anotações, muitas flores e frutas para oferendas, sal grosso, sal amargo, mel, livros e

todo teto era coberto com ervas medicinais, arrancadas pelas suas raízes, penduradas de cabeça para baixo. Criando um ambiente de um universo místico com os seus muitos odores e fragrâncias mágicas.

Voltando-se para o aqui e o agora, no seu pequeno jardim, com as tantas recordações da sua bisa, lágrimas rolaram de seus olhos ao lembrar de sua infância, em que vivera da idade de dois anos até os seis na companhia dessa mística senhora portuguesa na sua maravilhosa chácara (Chácara Celeste), que depois veio a falecer tranquilamente dormindo com a idade de 97 anos. Recordou-se das tantas histórias que sua bisavó lhe contara de sua terra natal, como: O Caso da Perua, em que um lavrador descobriu que sua vizinha era uma feiticeira que se transformava em um peru; as lendas de lobisomens e maldições; O Demônio do Pinhal do Álamo, em que um curioso rapaz achou um cabrito branco que, na verdade, era um demônio; A lenda de Nossa Senhora da Ajuda; A Lenda de São Tiago dos Velhos; A Lenda do Ouro e da Peste; A Lenda da Parteira e dos Mouros; A Lenda da Cobra e das Cinzas; A Lenda de D. Manuel I e da Peste; A lenda dos Fornos das Antas; A Lenda dos Quarenta Queimados... E, a lenda que ele mais gostava 'A Cova do Gigante', que é um monte do município Arruda dos Vinhos que dizem ser a sepultura de um enorme gigante ciclope Grou que assolava a região.

Sendo que, além de todas essas maravilhosas lembranças, sempre lhe vinha à mente as muitas sabedorias mágicas que aprendera com sua bisa, em especial ao que diz sobre as ervas de poder. Sua bisavó lhe ensinou que as ervas tinham poder de curar e empoderar o Espírito, a Alma (psique ou coração) e o Corpo, sendo que não toda erva era para cura de ambos. Existia um grupo de ervas para cada seguimento dessa tríade, porém, apenas um pequeno grupo de ervas, conhecida por ela nas terras sul-americanas, serviam para cura e, dar poder aos três veículos. Dentre elas estavam o Tabaco (*Nicotiana tabacum*), a Acácia ou Jurema Preta (*Mimosa hostilis*), a Chacrona (*Psychotria viridis*) e o Mariri (*Banisteriopsis caapi*), a Diamba (*Cannabis sativa*), a Folha de Louro (*Laurus nobilis*) e por último, a que segundo ela era a mais sagrada de todas, a Ruta-de-Cheiro-Forte, muito usada em sua tradição milenar Celta, em que ela utilizava para todos os seus processos milagrosos.

E foi por causa da influência de sua bisavó entre as parteiras, rezadeiras, mães-de-santo e curandeiras do Novo Mundo, que a 'Erva de Cheiro' como era conhecida no Brasil, trazida das terras mediterrâneas pelos portugueses no período colonial, passou a se chamar nessas terras tropicais do Novo Mundo de: Arruda, em reverência a vila natal de Maria da Piedade, a D. Darluz.

## Solitário Amor Lunar

Querida Amada! Lua de mim encarnada!

Por este breve-longo tempo em que de mim te ocultaste

E encobriste de véu negro a tua bela face

Estou agora radiosamente pleno

Banhado em teu carinhoso sereno

Contemplando o seu estado luminoso, que se faz de novo, em fino arco

No que me condeno ser o seu solitário amado

De ciclos em ciclos permanentes a te esperar

Veja! Preparei para ti em um pedaço de tronco de Carvalho esse pequeno Sagrado Altar. Oculto no oco dessa frondosa Grande Árvore com seus grossos galhos ao céu se elevar

Nele pus dois chifres que retirei de um crânio de cervos alados que desfaleceu, pelas caçadas de arco e flechas dos Minotauros nas florestas mágicas de Cale. Coloquei-os um ao lado do outro formando assim um círculo oval, representando a vida natural em seu eterno ciclo do morrer e viver

Fui à beira do meu lago interno, e coletei uma porção de argila, confeccionando um pequeno recipiente de barro... e depois de pronto preenchi com as águas salgadas de Atlantes, e azeite das terras-península de Portus Cale... e sobre o azeite, produto das oliveiras, que emergiu se separando das águas, coloquei uma singela fina flor de calêndula africana, representando o fruto amoroso do teu feminino útero sagrado

Com minhas mãos envolvendo a representação do teu Sagrado Útero, elevei-as acima de minha cabeça, estendendo-as, o mais longo que pude, ao mais Alto dos altos... e com o meu olhar voltado para imensidão de teus céus estrelados... dei graças a tua fertilidade receptora, e, calmamente, com todo carinho de meu apaixonado coração, pus teu recipiente no centro do círculo oval de chifres sobre o redondo pedaço de tronco de Carvalho, que fora, há tempos, cortado pelos poderosos machados dos gigantes ciclopes, para se aquecerem no rigoroso inverno dessas terras ibéricas, mas, que por algum propósito caiu ao ser transportado e, enrolando sobre os montes nas baixadas planícies se perdeu. Se achando agora aqui!

Cantando teu amor em graça... passo a passo... com todo prazer e alegria pulsante do alto palpitar do meu apaixonado coração. Fui em pequenos e vagarosos passos na direção do meu encantado jardim, repleto de luzes dos pequenos vaga-lumes e coloridas lagartas luminescentes noturnas. Pedi licença aos pequenos duendes que fizeram morada no grande arbusto do Alecrim, e retirei um verde e cheiroso galho em que confeccionei uma linda coroa. Fui a frondosa árvore de Amêndoa, e em reverência sagrada pedi licença, também, as luminosas fadas noturnas, retirando um galho repleto de pequenas flores rosas, aplicando-o, também, a confecção da pequena aureola junto a perfumados e aromatizantes galhos de Sálvia, Hortelã, Arruda e Melissa

Repleto de amor... puro e majestoso... retornei ao teu altar. Cobri tua coroa de carinhosos beijos em que pronunciava encantadas palavras de preces e conjuramentos, e deitei a natural aureola sobre o Carvalho, envolvendo o recipiente por entre os milenares chifres dos sacrificados cervos alados

Ao ver tanto amor envolvido a esse ritual... Os anões emergiram dos seus mundos subterrâneos, trazendo consigo os muitos cristais de Quartzo Rosa e Ametista, onde desenhei uma mandala em



formato estrelar de pontas a envolver o óvulo de chifres, como um aglomerado de sêmen circundando freneticamente em energias vibratórias, a querer teu óvulo penetrar e teu útero germinar

Os meus queridos amiguinhos... os gnomos do jardim... carinhosamente ofertaram uma cesta de pétalas sagradas de rosas banhadas em leite de cabras, e folhas de oliveiras banhadas em vinhos de uvas... e fiz uma chuva sagrada de pétalas e folhas a cair sobre todo o altar, ao som dos cânticos mágicos de minha boca a entonar, representando as águas celestes que banha os encantados altos ciprestes... fertilizando-a de Amor... onde se ouviu o uivo do gozo do lobo e o grito de orgasmo da coruja, em gemidos noturnos neste místico ritual da Lua Nova a ecoar

Ó! Meu Amor... Querida Minha... Minha Querida!

Receba essa oferta de luzes a pousar sobre o azeite, nesse candelabro de folhas feitas das sagradas parreiras dos altos montes lusitanos, em que dormem nos túmulos montanhosos os gigantes ciclopes, que por tempos de outrora caminhavam por estes solos, e com seu único olho a olhar... a deslumbrava... redondamente, em toda sua imensidão lunar

Ó! Amada Minha... Meu Amor!

Encabeçando o seu Sagrado Altar ofereço o meu Talismã Mágico, que nada mais é do que meu coração, em que agora em sangria descubro desse pano de barro enegrecido... nele visualizei os sagrados símbolos e entoiei mantras e runas, e numa infusão de Ervas Sagradas dos Encantados Jardins de Avalon, durante nove noites de Lua Nova em que tua face foi oculta de mim, imantei-os com óleos de Linhaça e Bétula, além de unguentos aromáticos de Lavanda e Tea Tree. Este Talismã Mágico, Meu Amor, é o meu singelo coração em sacrifício a ti... toma-o! E guarde-o bem!

Fecho meus olhos... levo minhas abertas mãos ao peito sangrado do meu coração retirado... e no silêncio visionário do meu ser... seres encantados se aproximam ao me retirar em passos para trás, do oco da Grande Árvore em que pus o teu Sagrado Altar

Ao me retirar em retrógrados passos mortos... lentamente uma cortina de nuvens a Grande Árvore em espiral veio circundar

Neblinas e brumas ao redor vieram nela bailar

E dos mundanos olhos alheios o seu Sagrado Altar foi oculto

Porque ninguém é capaz de desvendar os mistérios e segredos desse culto

Que a ti... me fiz o coração sacrificar

Que a ti... o dediquei em rito benefício no Sagrado Altar

Acabando de vez com os ciclos de bens e males do meu Solitário Amor Lunar